

IGUALDADE DE OPORTUNIDADES NO TRABALHO E NO EMPREGO



COMISSÃO CONSULTIVA
REGIONAL PARA OS
DIREITOS DAS MULHERES

SECRETARIA REGIONAL DOS ASSUNTOS SOCIAIS

Coordenação editorial	Susana Soares
Edição	Comissão Consultiva Regional para os Direitos das Mulheres
Textos	Dra. Susana Soares, Dra. Maria Josefina Leitão, Dra. Maria Amélia Paiva, Dr. Rui Bettencourt, Mestre Isabel Romão, Mestre José Manuel Rosa Nunes, Prof. Doutora Fátima Sequeira Dias, Prof. Doutora Graça Castanho, Dr. Eduardo Jorge Brum, Dr. Costa Martins, Dr. Paulo Amaral, Dr. Luís de Azevedo Toste, Mestre Ana Margarida Soares
Design	Joana Dias
Revisão	Mário Roberto
Tiragem	500 exemplares
Execução Gráfica	COINGRA, l.da.
Depósito Legal	200687/03

Índice

INTERVENÇÃO DE ABERTURA	7	Dra. Susana Soares
MULHERES E HOMENS NO TRABALHO E NO EMPREGO — UM CAMINHO PARA A IGUALDADE?	15	Dra. Maria Josefina Leitão
○ DIREITO À IGUALDADE — UM DOS REQUISITOS DOS DIREITOS HUMANOS E DA DEMOCRACIA	33	Dra. Maria Amélia Paiva
POLÍTICAS E MEDIDAS REGIONAIS PARA A IGUALDADE DE OPORTUNIDADES NO TRABALHO	49	Dr. Rui Bettencourt
A IGUALDADE NAS EMPRESAS E NAS ORGANIZAÇÕES — UM REQUISITO PARA A QUALIDADE DA GESTÃO	53	Mestre Isabel Romão
○ O CONTRIBUTO DO TRABALHO FEMININO NA ECONOMIA REGIONAL	73	Mestre José Manuel Rosa Nunes
É DOMÉSTICA: NÃO FAZ NADA!	83	Prof. Doutora Fátima Sequeira Dias
A PROBLEMÁTICA DAS PROFISSÕES À LUZ DOS MANUAIS ESCOLARES	97	Prof. Doutora Graça Castanho
DE COMO O AVANÇO DA CIÊNCIA PODE CONDUZIR AO FIM DA VIOLÊNCIA	121	Dr. Eduardo Jorge Brum
○ O PAPEL DA CONTRATAÇÃO COLECTIVA	133	Dr. Costa Martins
DIFERENÇA E DISCRIMINAÇÃO	143	Dr. Paulo Amaral
A QUESTÃO DA IGUALDADE NUMA PERSPECTIVA DE INSPECÇÃO	151	Dr. Luís de Azevedo Toste
CONCLUSÕES GERAIS	163	Mestre Ana Margarida Soares

A PROBLEMÁTICA DAS PROFISSÕES À LUZ DOS MANUAIS ESCOLARES

Professora Doutora Graça Castanho

Docente da Universidade dos Açores

Introdução

Considerando que os manuais escolares desempenham um papel relevante no processo de ensino-aprendizagem oferecido às crianças em Portugal (este é o instrumento de trabalho que, nas escolas, mais contribui para a formação e informação da população estudantil), pareceu-nos da máxima importância analisá-los sob o prisma da problemática das profissões. Ora, como sabemos, os manuais escolares, para além de integrarem os conhecimentos previstos nos programas das diferentes disciplinas, devem transmitir todo um conjunto de valores e de imagens enraizadas nos princípios da democracia, da paridade e da igualdade de tratamento e de oportunidades, tal como sugerem os textos da Constituição Portuguesa e da Lei de Bases do Sistema Educativo (Art.º 3º, alínea j).

Com base nestes pressupostos, o objectivo deste estudo é o de averiguar a abordagem que os manuais do 1º ciclo apresentam aos pequenos leitores, no que diz respeito às concepções relativas aos papéis sociais e aos desempenhos profissionais dos géneros feminino e masculino. Interessa-nos, sobretudo, descobrir se o tratamento dado às profissões, de modo directo ou enviesado, perpetua as crenças estereotipadas e as práticas discriminatórias vigentes, a que já nos habituamos no dia-a-dia ou, se pelo contrário, os autores(as) respeitam as tais orientações democráticas, apresentando uma visão esclarecida, correcta e paritária sobre este assunto, permitindo a cada aluna e aluno a construção da

sua identidade, com base nas suas potencialidades pessoais e não em resultado de esquemas estereotipados.

Parece-nos importante recordar, neste contexto, e neste dia dedicado ao Trabalho, que uma das funções da educação é preparar os indivíduos para o desempenho futuro de uma profissão, dando-lhes as ferramentas motivacionais e o conhecimento que lhes permitam, mais tarde, contribuir para o bem comum, sem descurar a realização pessoal e social de cada um. Como podemos ver, o trabalho está subjacente à razão de ser da própria escola e, neste sentido, merece, por parte dos agentes de ensino, um olhar atento, uma exploração aprofundada.

A nossa atenção incidiu nos manuais do 1º ciclo, pois, como sabemos, é por volta dos oito, nove anos que as crianças têm a capacidade de se projectarem no futuro, perspectivando-se como seres interventivos na sociedade, à imagem e semelhança dos modelos sociais que os acompanham — as mães, os pais, outros familiares e os professores. Revelam-se, portanto, de grande pertinência as aprendizagens feitas em torno das actividades profissionais, nesta faixa etária, havendo, acima de tudo, a obrigatoriedade da escola explorar múltiplas ocupações no universo do emprego, por forma a contrariar uma eventual escassez de modelos sociais, nos meios sociais frequentados pelas crianças. Queremos com isto dizer que é da responsabilidade da escola apresentar, desde os primeiros anos de escolaridade, um leque vasto de profissões, bem como a possibilidade de desempenho das mesmas por homens e por mulheres, contrariando, assim, práticas e concepções ancestrais que pré-determinam os universos distintos de actuação de ambos os sexos.

Estereótipos nos manuais

O nosso ponto de partida foram os documentos que enformam o sistema educativo português e todo um conjunto de bibliografia da especialidade que atesta a importância dos manuais no ensino, em Portugal. Em boa verdade, "o manual escolar, pela sua presença sistemática no trabalho desenvolvido na escola, é um instrumento importantíssimo no processo de ensino-aprendizagem, sendo, por isso, um dos instrumentos mais significativos na transmissão e construção das realidades sociais e políticas da nossa sociedade" (Martelo, 1999).

Tentamos procurar, para além destes textos, outros que nos dessem conta do posicionamento dos estudiosos face aos manuais escolares, no respeitante aos papéis sociais.

Com bastante facilidade, cruzamo-nos com um conjunto vasto de autores que defendem que "entre os vários factores que podem contribuir para a socialização diferenciada em função do género, encontramos os modelos simbólicos dos papéis de género veiculados por manuais escolares (Fernandes, 1987).

Corroboram esta asserção as afirmações feitas por Romão (1990) que defende que os manuais escolares transmitem todo um sistema de valores e tendem a veicular imagens estereotipadas do feminino e do masculino. Mais adianta que "os manuais apresentam-se-nos frequentemente desfasados da realidade, sendo bastante conservadores: as personagens neles contidas tendem a ser caracterizadas de uma forma estereotipada e com forte predominância das figuras masculinas".

Por seu turno, Martelo (1999), na parte da explicitação dos resultados do seu

estudo sobre *A escola e a construção da identidade das raparigas: o exemplo dos manuais escolares*, concluiu que "os manuais escolares têm uma contribuição enorme na transmissão das tradicionais representações sociais de homem e de mulher, na medida em que fazem uma sistematização contínua de estereótipos sexuais, quer através dos conteúdos dos textos quer das ilustrações".

A presença confirmada de estereótipos nos manuais, por diversos autores, levou-nos igualmente à necessidade de esclarecer o que se entende por este vocábulo e de que modo ele delimita e limita a nossa actuação em sociedade.

Desde os anos 20-30 do século passado que o estereótipo tem sido alvo de investigação no âmbito da Psicologia Social. Várias têm sido as definições para o conceito de estereótipo. Há quem o tenha considerado uma imagem com carácter subjectivo e pessoal, assente no sistema de valores do indivíduo; outros apontam para uma generalização perigosa, sem fundamento científico, modificável apenas através de acção educativa explícita que vise consciencializar a pessoa da falta de consistência dos seus juízos.

Após estas primeiras tentativas de definição, tem-se assistido a grandes mudanças de interpretação. Tendo partido de uma concepção individual, chegou-se, mais tarde, ao entendimento de que o estereótipo ganha contornos colectivos, ao ser aceite por um grupo vasto de pessoas, apesar de fugir aos parâmetros do conhecimento científico e do bom senso.

Enquanto Sherman (1996) recorda "o estereótipo como uma estrutura cognitiva que contém o conhecimento, as crenças e as expectativas de um sujeito acerca de um determinado grupo social", Amâncio (1994) prefere perspectivar os con-

teúdos dos estereótipos, enquanto partilhados por grupos sociais, como representantes da "ideologização de comportamentos e acções desses grupos, categorizados segundo critérios socialmente valorizados".

Recorde-se que, nas abordagens mais recentes, estereótipo é "uma categoria social, na qual os sujeitos baseiam os seus julgamentos, avaliações, expectativas de comportamento e explicações do desempenho" (Neto, A. *et al.*, 2000).

Para além das preocupações em definir o que se entende por este vocábulo, grande parte da investigação debruçou-se sobre a clarificação dos conteúdos dos estereótipos e a identificação do modo como estes (1) influenciam os julgamentos, os comportamentos, a percepção social e (2) têm discriminado, pela negativa, grupos étnicos ou grupos de género.

Assim se chegou aos estereótipos de género que mais não são do que estereótipos sociais que exercem grande influência nas atitudes e comportamentos individuais e colectivos.

Analisemos, de seguida, os estereótipos de papéis de género que nos irão acompanhar até ao final do trabalho. De acordo com as afirmações de Neto, A. *et al.* (2000) estes "designam as crenças solidamente partilhadas sobre as actividades apropriadas a homens e a mulheres (...) e incluem as representações generalizadas e socialmente valorizadas acerca do que os homens e mulheres devem 'ser' (traços de género) e 'fazer' (papéis de género)".

Os conteúdos dos estereótipos de género vão desde os comportamentos e actividades associados aos papéis de género, até à aparência física, passando inclusivamente pela orientação da sexualidade. No âmbito deste trabalho iremos

incidir mais a nossa atenção nas actividades afectas aos papéis do género masculino e feminino, pois são estas que entroncam directamente no assunto deste encontro. No entanto, não iremos descurar os aspectos da personalidade, quando estes se revelarem pertinentes para a discussão.

Em traços largos, podemos adiantar que existe consenso no entendimento geral de que vocábulos como dinamismo, auto-afirmação, agressividade, coragem, tenacidade e estabilidade emocional caracterizam o elemento masculino, enquanto palavras como instabilidade emocional, fragilidade, sentido estético, sensibilidade, passividade e submissão servem melhor o perfil do género feminino. Do mesmo modo, acredita-se também que às mulheres cabe cuidar das crianças e aos homens garantir o sustento do lar. Também se aceita de bom grado que os homens são fortes e as mulheres carinhosas.

Defendeu-se, durante décadas, que as explicações para as diferenças de género residiam em factores biológicos, diferenciação genética ou de formação das estruturas cerebrais. Outras abordagens tentam relacionar a dimensão biológica com factores do foro sócio-psicológico na definição das diferenças entre os sexos. Muitas são as teorias (Teoria da aprendizagem social, Teoria do desenvolvimento cognitivo, Teoria do esquema do género e Teoria sócio-cognitiva) que tentam explicar a diferenciação entre homens e mulheres.

Com efeito, nos últimos anos, os resultados das investigações apontam mais para grandes similitudes, nas capacidades cognitivas e nas características de personalidade entre os grupos de género, do que para as diferenças acentuadas. Discute-se, hoje, o reconhecimento de que tanto homens como mulheres poderão desempenhar as mesmas actividades e manifestar os mesmos comportamentos. A flexibilidade dos papéis do género é presentemente um dado teóri-

co adquirido, não o sendo, na prática, por força do processo de socialização que se opera no seio da família, na escola, no grupo de pares, nos meios de comunicação social, agentes que perpetuam concepções e práticas estereotipadas.

É do conhecimento geral que não é fácil alterar os estereótipos, pois as pessoas resistem à mudança. E fazem-no, segundo Neto, A. *et al.* (2000), por um motivo: "Um dos factores que poderá potenciar a conservação dos estereótipos de género reside no facto de o processo de estereotipia ser geralmente inconsciente e dificilmente reconhecido por parte dos indivíduos portadores".

Os manuais de estudo do meio e de língua portuguesa

Ainda antes de partirmos para o nosso objecto de estudo, lembramos que o tema das profissões está previsto nos programas de Estudo do Meio do 3º ano do 1º Ciclo do Ensino Básico, na unidade de ensino intitulada "À descoberta das inter-relações entre a natureza e a sociedade". Apesar desta especificidade, o tema das actividades profissionais está pulverizado noutras unidades nos manuais do Estudo do Meio e encontra-se tratado indirectamente nos manuais de Língua Portuguesa, através dos textos de autores e/ou de ilustrações.

Começemos por analisar o modo como a temática em causa é tratada nos manuais de Estudo do Meio. A nossa análise incidirá simultaneamente em três vertentes:

— a linguagem sexista utilizada

- as ilustrações como veículo de estereótipos
- a diferenciação das profissões por género.

Pudemos constatar, à semelhança de outros autores, que os manuais, de uma maneira geral, contrariam o espírito do Sistema Educativo no que diz respeito à possibilidade de rapazes e raparigas encontrarem nas escolas condições para a sua formação global, podendo libertar-se do determinismo social e de quaisquer formas de discriminação. Com efeito, tal não se verifica nos manuais escolares, os quais ao invés de "libertarem" mantêm os alunos presos a estereótipos típicos de uma visão ultrapassada e descontextualizada do mundo actual.

O tratamento dado às profissões denuncia desconhecimento e desajustamento. A mulher encontra-se associada a espaços de educação (lar, escola) e de cuidados médicos (centros de saúde e hospitais) enquanto os homens têm profissões em espaços mais abertos, que exigem capacidades físico-motoras e de gestão.

Os textos, na explicitação das profissões, expõem os conhecimentos, representam em imagem e propõem actividades de aplicação dos saberes de forma estereotipada. Falam, no masculino, de escritores, trolhas, pescadores, carteiros, bombeiros, sapateiros, mecânicos, padeiros, polícias, agricultores, músicos, arquitectos, gestores, mineiros, carpinteiros, engenheiros e mecânicos, mas reservam as profissões de lavadeira, costureira, ceifeira, secretária, assistente social, parteira, bailarina e enfermeira invariavelmente às mulheres, como se só estas pudessem exercer tais funções (cf. Anexo 1). As profissões de cozinheiro, médico e de professor são representadas ora por homens ora por mulheres, apesar de se saber que esses grupos profissionais correspondem a actividades profissionais em que a feminização é uma realidade incontestável. No

caso do cozinheiro, é interessante verificar que quando são homens se apresentam como autênticos profissionais, se são mulheres surgem no lar, com ar cansado e enfadado, a preparar refeições para os filhos e marido.

É interessante do ponto de vista investigativo ver que os autores dos livros escolares não apostam na linguagem paritária, ou seja, não sexista, quando se trata de explorar as profissões. Mesmo quando optam por ilustrações no feminino, a designação surge no masculino. O médico, o professor e o cientista a que se faz referência, no texto relativo aos "Serviços" (cf. Anexo 2), estão iconicamente representados no feminino, denunciando a ideia de que, nos manuais, há que respeitar as regras gramaticais, mesmo quando estas apagam e desrespeitam mais de metade da humanidade composta por mulheres.

A relação que se estabelece entre o elemento feminino e a utilização de materiais, tradicionalmente conotados com o universo masculino, é representada com raparigas em situação de medo e de insegurança (cf. Anexo 3). Os rapazes revelam, por oposição, capacidades superiores no campo do desporto (cf. Anexo 4) e das experiências (cf. Anexo 5) e apresentam uma maior tendência para a fruição de espaços abertos, momentos de lazer e de boa disposição. É, talvez, por isso que, numa mesma página, se apresente, no canto superior direito, um rapaz atleta e, no canto inferior esquerdo, uma mesa com três elementos masculinos sentados à espera que a mãe lhes sirva a refeição (cf. Anexo 6).

A ideia da diferenciação dos papéis sociais ultrapassa em muito as referências explícitas a determinados papéis sociais representativos de ocupações profissionais.

A título de exemplo, referimos que, na página de introdução da unidade "À descoberta das inter-relações entre espaços", de um manual do 3º ano, se vê em seis situações diferentes um rapaz, não havendo uma única menina em tal página. Há duas imagens que representam um menino que caminha sozinho, e outras quatro que o mostram, em separado, a elaborar um trabalho, a ver televisão, a caminho do mar com os pais (é o pai quem conduz o carro) e a observar um comboio, um automóvel e um avião que passa. Nas páginas introdutórias de outras unidades assiste-se ao predomínio da presença masculina em detrimento do elemento feminino. Os rapazes exercem actividades de contacto com a sociedade, a natureza, indiciando que tais áreas são mais adequadas aos rapazes do que às meninas.

Numa página que visa reconhecer a importância da vacinação (cf. Anexo 7) quem surge a levar a menina ao Centro de Saúde é a mãe e quem aplica a vacina é uma enfermeira. Ironicamente, na mesma página, no canto inferior direito surge um rapazinho envolto numa armadura e de espada em punho a publicitar a necessidade de vacinar as crianças. Em suma, leva a menina a vacinar (o elemento feminino surge frequentemente conotado com o medo e a dor); contudo, é o rapaz quem representa os benefícios da vacinação.

Recorde-se que a maioria das próprias capas dos livros de Estudo do Meio (e de outras disciplinas) representam imagens de rapazes que exploram o mundo que os circunda. Dos oito livros analisados, quatro exibem elementos masculinos em actividade, dois combinam a presença de rapazes e raparigas e os outros dois apostam em imagens neutras relativas à natureza.

Os livros de Língua Portuguesa são também veículo de mensagens estereotipadas quanto aos papéis sociais a desempenhar por homens e mulheres.

Mesmo nas situações em que o texto não tem uma conotação estereotipada, os ilustradores(as) encarregam-se de dar voz a essa mensagem. É o que acontece com um poema sobre o dia do pai, em que o ilustrador(a) apelida esse pai de "Ás da Cozinha" porque o mesmo prepara o pequeno almoço aos domingos de manhã (cf. Anexo 8). Situação que merece, também, da nossa parte algum reparo é o que acontece, no mesmo manual, com um poema intitulado "Os meus amiguinhos" em que se fala dos alimentos saudáveis e fresquinhos. A autora faz referência à mãe e ao pai, a quem a criança vai dar um beijinho antes de se deitar, mas o ilustrador(a) considerou que, tratando o texto dos alimentos numa base diária, tal tarefa deve ser da responsabilidade da mãe. E lá aparece ela (mãe) ao lado da criança (por sinal um menino) a garantir a subsistência com um ar ligeiramente satisfeito. Quanto ao pai, a este basta-lhe preparar uma refeição para que seja considerado o "Ás da Cozinha". A mãe, essa nunca o será, mesmo cozinhando diversas refeições ao dia (cf. Anexo 9).

Textos intitulados "O Sapateiro", "O Carrinho Mágico" ou o "Carrinho da Fruta" apresentam três profissões que, no caso em concreto, são desempenhadas por homens: um sapateiro que, curiosamente, passa o tempo a coser e a pôr pomada nas botas dos meninos que jogam à bola (entenda-se meninos no masculino); um vendedor ambulante que vende gelados, no verão, e castanhas, no Inverno; e um vendedor de fruta, também homem.

Chega-se facilmente à conclusão, a partir da análise de um conjunto de manuais publicados recentemente e em uso nas escolas, que, de um modo geral, se reforça a ideia de que existem diferentes aptidões e destinos traçados para homens e mulheres. Assim sendo, a mensagem que se transmite é a de que cada género deve procurar agir segundo o seu modelo "natural" de identificação,

pois não o fazendo corre o risco de ser ridicularizado pela sociedade.

Em jeito de conclusão, fazemos referência a uma imagem que apresenta a unidade "A Família", na qual podemos observar uma mãe que lava loiça, um pai que cozinha, uma filha que põe a mesa e um filho que limpa a loiça (cf. Anexo 10). Embora em número pequeno, encontramos alguns textos que se libertaram dos estereótipos e trouxeram até junto das crianças mensagens dignas de um estado democrático onde a paridade, a igualdade de direitos e de oportunidades é uma realidade. Estes textos, sim, oferecem um novo modelo de papel social, um novo modelo de homem e de mulher, mais consentâneo com a realidade, despido dos constrangimentos associados ao género e aos estereótipos criados à sua volta.

Este exemplo, a par de outros ainda em número insuficiente, dá-nos a esperança de se estar a operar algumas mudanças de mentalidade nas editoras, nos autores dos manuais, no sistema de ensino. É preciso, finalmente, compreender que o papel social conferido a cada um dos géneros resulta de um processo de aprendizagem e não é o resultado de qualquer determinação genética. ■

Bibliografia

SHERMAN, J. W. (1996). Development and mental representations of stereotypes. *Journal of Personality and Social Psychology*, 70 (6).

AMÂNCIO, L. (1994). *Masculino e Feminino. A construção social da diferença*. Porto: Edições Afrontamento.

NETO, A. *et al.* (2000). Estereótipos de Género. Lisboa: Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres.

FERNANDES, J. V. (1987). A escola e a desigualdade sexual. Lisboa: Livros Horizonte.

ROMÃO, I. (1990). A escola como actor de mudança, in Albertina Palma & Marques, R. (Coord.). Escola não sexista: utopia ou realidade? Setúbal: Escola Superior de Educação de Setúbal.

MARTELO, M. J. (1999). A escola e a construção da identidade das raparigas: o exemplo dos manuais escolares. Lisboa: Presidência do Conselho de Ministros. Colecção Mudar as Atitudes.

Manuais Analisados:

CAMPOS, H. & Reis, J. (1996). As minhas descobertas. Estudo do Meio — 2º Ano. Maia: Edições Nova Gaia.

HENRIQUES, A. & Ribeiro, Margarida (1999). Estudo do Meio — 2º. Ano. Porto: Constância Editores.

LEITE, C. & Pereira, R. (s. data). Aprender a descobrir. Estudo do Meio. 1º Ciclo — 3º ano. Porto: Edições ASA.

MARQUES, C. & Timóteo, N. (2000). Pequenos Curiosos. Estudo do Meio. Ensino Básico — 3º ano. Porto: Porto Editora.

MIRANDA, A. & Lopes, C. (1996). Retintim. Estudo do Meio. Ensino Básico — 4º ano. Porto: Porto Editora.

Graça Castanho

MARCELINO, C. & Trindade, I. (1996). Língua Portuguesa — 2º ano. Carnaxide: Constância Editores.

MONTEIRO, A. (1999). Saber quem somos. Estudo do Meio. Ensino Básico — 3º ano. Coimbra: Livraria Arnado.

MOTA, A. (1997). Caminhar. Estudo do Meio. Ensino Básico — 3º ano. Vila Nova de Gaia: Gailivro.

PINTO, A. & Carneiro, M. (s. data). O Bambi 4. Estudo do Meio. Ensino Básico — 4º ano. Porto: Porto Editora.



Descrever modos de vida e as suas funções sociais.

O que são? O que fazem? Precisam deles?



Cultivo a terra
para produzir
alimentos.
Sou _____



Pesco o peixe
que te serve de
alimento.
Sou _____



Faço as peças
de vestuário
que usas.
Sou _____



Ensino os alunos
na Escola.
Sou _____



Cuido da saúde
das pessoas.
Sou _____



Ajudo a
construir as
habitações.
Sou _____

médico

costureira

escritor

tralha

pescador

carteiro

bombeiro

sapateiro

mecânico

padeiro

enfermeira

polícia

agricultor

professor

músico



À DESCOBERTA DAS INTER-RELAÇÕES ENTRE A NATUREZA E A SOCIEDADE - Principais actividades produtivas: os serviços

Os serviços

Além das actividades **extractivas** e **transformadoras**, há ainda outros **SERVIÇOS** que garantem o funcionamento dos vários sectores e o bem-estar das populações.



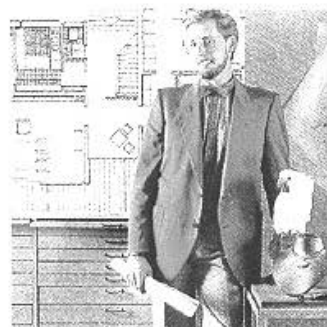
O médico diagnostica as doenças e vela pela nossa saúde no consultório, nos Hospitais, nos Centros de Saúde...



O professor trabalha na Escola, onde se dedica ao ensino e à educação das crianças, dos jovens e dos adultos.



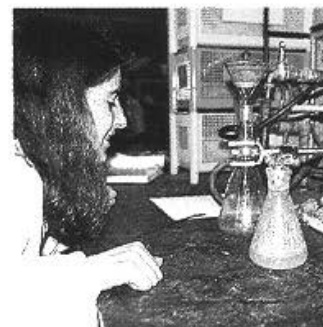
O sacerdote desempenha funções de ordem religiosa, social e cultural, geralmente, nas paróquias...



O arquitecto elabora os projectos de edifícios, pontes, túneis, planos urbanísticos... cuja execução cabe à engenharia.



O gestor é um técnico que orienta e administra os recursos materiais e humanos de uma empresa privada ou pública.



O cientista dedica-se ao estudo e à investigação de conhecimentos relativos à ciência e à tecnologia.

Em poucas palavras

As profissões estão relacionadas com as **actividades económicas**. Estas implicam a produção, a circulação e a distribuição dos bens necessários à vida do homem. As actividades económicas dividem-se nos seguintes sectores:

- A **actividade extractiva** que retira da Natureza os bens indispensáveis - a agricultura, a pecuária, a pesca, a extracção mineira, a silvicultura...

- A **actividade transformadora** que transforma as matérias-primas em produtos finais - a panificação, a cerâmica, a indústria do calçado, os têxteis, a siderurgia, a construção civil...

Os **serviços** asseguram o funcionamento de vários sectores de actividades, tais como: o **ensino**, a **medicina**, a **administração pública**, o **comércio**, as **instituições bancárias**, as **companhias de seguros**...

DOS MATERIAIS

- 1 – Realizar experiências com a luz
- 2 – Realizar experiências com ímanes
- 3 – Realizar experiências de mecânica
- 4 – Manusear objectos em situações concretas



Anexo 3 - Mota, A. (1997). Caminhar - Estudo do Meio - Vila Nova de Gaia: Gailivro

TESTES DE AVALIAÇÃO SUMATIVA



• REGISTO DAS PONTUAÇÕES OBTIDAS NOS TESTES DE AVALIAÇÃO SUMATIVA

AVALIAÇÃO SUMATIVA			OBSERVAÇÕES
DATAS	NÚMERO	PONTUAÇÃO	
— / — / —	1	<input type="checkbox"/> PONTOS	
— / — / —	2	<input type="checkbox"/> PONTOS	
— / — / —	3	<input type="checkbox"/> PONTOS	
— / — / —	4	<input type="checkbox"/> PONTOS	
— / — / —	5	<input type="checkbox"/> PONTOS	

Auto-avalia o teu trabalho, de acordo com a seguinte pontuação:

— QUESTIONÁRIO → 15 pontos por cada resposta certa.
— EXPRESSÃO ESCRITA → 50 pontos.

• Magnetizo objectos metálicos (pregos, alfinetes...).

• Aprendo a magnetizar um objecto de metal.



• Realizo a experiência anterior e descrevo-a.

••• Experimento uma forma simples de magnetismo:

- Esfrego a minha esferográfica na minha camisola, com força.
- Aproximo-a de pequenos papéis rasgados.
- Descrevo no caderno o que observei.



Unidade O meu corpo

A função digestiva

O atleta faz muito exercício físico. Precisa de se alimentar bem.

- *Que lhe poderia acontecer se não se alimentasse convenientemente?*

Alimento é tudo o que comemos e bebemos.

- *Quais são os teus alimentos preferidos?*

É a **função digestiva** que transforma os alimentos que comemos de forma a poderem ser aproveitados pelo nosso organismo.



ESTA TARDE NÃO LANCHEI.
ESTOU COM UMA FOME...



Observa a cena e conversa sobre ela com os companheiros.

- *Que está esta família a fazer à mesa?*
- *Estão a almoçar ou a jantar?*
– *Justifica.*
- *Porque é que o menino está com tanta fome?*
- *Ele vai comer muito ou pouco?*
- *Se estivesses ao lado dele, que conselho lhe darias?*

E NUNCA TE ESQUEÇAS:
Saber comer é... saber viver.



Que aconteceu aos alimentos que o menino comeu?
— *É isso que vamos ver a seguir...*



Reconhecer a importância da vacinação.

Queres ter uma vida mais saudável?

Comenta e copia as frases.

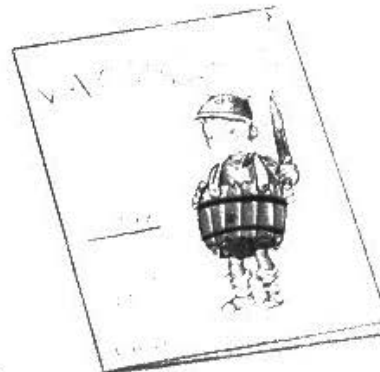


Eu vou ao Centro de Saúde para me vacinar.

Tomo sempre as vacinas na data certa.

Consulta o teu BOLETIM INDIVIDUAL DE SAÚDE. Assinala com um X as vacinas que tens em ordem.

- Triplice*
- Antipoliomielite*
- Antitétano*
- Anti-sarampo*
- Anti-rubéola*



Em que data vais tomar a próxima vacina?

TEXTO POÉTICO

O DIA DO PAI

Ó pai, és meu amigo
é tão bom estar contigo!
És um amigalhaço
por isso dá cá um abraço.

Aos domingos de manhã,
sem acordares a mamã,
fazes leite com torradas
bem quentinhas e douradas.

Depois assobias contente
e acordas toda a gente:
— Rapaziada, toca a levantar!
Não são horas de preguiçar!

Saltamos da cama contentes,
corremos a dar-te beijinhos,
abraçamos-te alegremente
e damos-te muitos mimiinhos.

CRISTINA MARCELINO

